

é o tema do terceiro capítulo, com textos de Lutero, Erasmo, Calvino (com relevo para o problema da predestinação), entre outros. No quarto são apresentados textos sobre a Palavra de Deus, com a dicotomia «lei e Evangelho»; Lutero e Calvino reaparecem aí, acompanhados, além do mais, de textos do Concílio de Trento e de Roberto Belarmino. No quinto é a vez da questão «a salvação pela fé», com relevo, uma vez mais, para Lutero e Calvino, mas também para Melanchthon, o Concílio de Trento e o «Livro de Ratisbona» a propósito da justificação. A fé como exercício é o tema do cap. VI, com textos de Erasmo, Lutero (sobre as obras de amor), Calvino (e a penitência), Inácio de Loyola (sobre o esforço do homem para se libertar das paixões desordenadas) e Francisco de Sales (a vida espiritual dos leigos). O sétimo capítulo apresenta textos dos místicos (Teresa de Ávila, M. Madalena de Pazzi, João da Cruz, Jacob Böhme, etc.). A Igreja e a salvação (Igreja visível e invisível, sacramentos...) é o tema do capítulo oitavo, com textos de Calvino, Lutero, Zwinglio, «Confissão de Augsburg», «Concórdia de Wittenberg», «Catecismo» da Igreja de Genève e do Concílio de Trento, J. Knox, e outros. No nono encontramos textos sobre o sacerdócio universal dos crentes, ministério e hierarquia, com a «Confutação da Confissão de Augsburg», textos de Lutero e de Melanchthon e também de Belarmino (este, em defesa do Papado). O décimo versa sobre a Igreja como lugar de amor e de disciplina, com referência aos anabaptistas, Calvino, e outros. O cap. XI (Confessar a fé) contém textos de Lutero sobre a confissão de fé pessoal, de Carlos V (a confessar a sua fé), da dieta de Spira e a «Confissão helvética posterior». O XII é preenchido com textos sobre a transmissão da fé. O XIII, sobre salvação e vida em sociedade (Thomas More e a sua «Utopia»,

Lutero, Campanella e a «Cidade do Sol», Las Casas, Vitoria, etc.). No XIV encontramos textos sobre as missões e a abertura ao mundo, com predominância para Las Casas. No XV (Fé e saberes novos) é dada voz a homens como Copérnico, J. Rheticus, Giordano Bruno, Tycho Brahe, Kepler, Roberto Belarmino; e aí se pode ler a carta de Galileu a Don Benedetto Castelli sobre as relações entre as verdades científicas e a interpretação da Escritura. No XVI e último oferecem-se textos sobre a questão da tolerância: Erasmo, Guilherme Postel, S. Castellion, Catherine Zell e J. Bodin.

O volume está enriquecido com um índice de nomes de lugares e de pessoas, um índice bíblico e um índice de matérias (temático).

JORGE COUTINHO

LAFOND, Dom Gérard, OSB, **L'éveil du regard. Origine et destinée de la Création**, Lethielleux (Groupe Parole et Silence), Paris, 2010, 647 p., 235 x 150, ISBN 978-2-249-62045-4.

Dom Gérard Lafond, quarto Abade do mosteiro beneditino de Wisques (França), escreveu este grosso volume a partir da sua própria prática da *lectio divina*, não deixando de convidar à sua leitura em modo próximo daquela, meditativo e orante. A ideia de fundo, que atravessa todo o texto e é sugerida pelo título e pelo subtítulo do livro, é a de que boa parte dos homens e mulheres do início do terceiro milénio carecem de despertar o seu olhar sobre o mundo, não propriamente para se espantarem e maravilharem como as crianças, mas para se interrogarem sobre a questão mais fundamental e decisiva: de onde vimos e para onde vamos – nós e o mundo que habitamos? O caso é que, como

em certa parte da sua obra escreve J.-P. Sartre, a condição de muitos é a de quem acordou em plena viagem numa história de loucos, sem saber de onde vem nem para onde vai. E, pior, eles tão pouco se inquietam com isso. Ou então, como diria Frossard, delegam na ciência a resposta para todas as suas inquietações. Só que a ciência só em parte menor pode responder e deixa necessariamente sem resposta a questão essencial sobre o sentido último do homem e do mundo. Só a fé religiosa, em plano meta-científico ou metafísico, o pode fazer. Ao longo de mais de seiscentas páginas, servindo-se de recursos filosóficos, exegéticos e teológicos, Dom Gérard Lafond procura então mostrar como um olhar que desperta do seu sono positivista, quando não materialista, acaba por descobrir, maravilhado, que este Universo em evolução – do qual Jacques Monod disse, em *Le hasard et la nécessité*, que se oferece ao homem como a um cigano sem pátria, surdo à sua música, indiferente às suas esperanças, como aos seus sofrimentos e aos seus crimes – representa, para além da Criação originária, a contínua acção do Criador sobre ele e, com isso, a nova Criação a nascer diante dos nossos olhos, ou seja, a sua Transfiguração ou os novos Céus e nova Terra de que fala o Apocalipse.

Ciência e fé se apresentam então, não como inimigas e excludentes entre si, mas em complementaridade epistemológica. Os temores, ou mesmo os medos, que se apresentam no panorama do mundo presente estão a convidar a um regresso à sabedoria, para além da ciência e da técnica. Aquela há-de vir, quer de aprofundamentos filosóficos a que as últimas descobertas da ciência convidam, quer do aprofundamento do entendimento das verdades reveladas que, com a sabedoria, será também despertador da esperança para a humanidade. Indispensável será

que a ciência saiba abrir-se para além de si mesma e, nos seus limites, que afinal são limiares, saiba dar lugar às instâncias de saber meta-científicas ou metafísicas.

É nesse nível que se situa a fé. No âmbito desta, há que redescobrir, muito particularmente, o Mistério da Encarnação e o Mistério Pascal. Com efeito, é com a entrada de Deus na história humana como um de entre os demais humanos e com a sua transcendência do mundo e do tempo pela Morte e Ressurreição gloriosa que se inscreve nesse mundo da Criação o dinamismo da Nova Criação. Nesta linha, Dom Gérard Lafond convida a, depois de uma *mudança de olhar*, segui-lo neste livro «abrindo os olhos do coração à luz deífica, e sobretudo a embrenhar-se no caminho que conduz ao Reino partindo do *claro-escuro dos começos* para caminhar na *iluminação* pela Luz de Cristo, até, finalmente, chegar ao *abrasamento* do Amor no Espírito Santo, à glória do Pai» (p. 24). Estas três vias próprias da vida espiritual são também as três grandes partes deste grosso volume, a um tempo feito de comentário bíblico, de teologia e de contemplação orante. E não sem uma sensível dose de poesia na linguagem utilizada, não fosse a poesia a transfiguração do nosso olhar sobre as coisas e a re-criação da linguagem já gasta e vazia sobre o mais profundo das mesmas.

Oferece-nos deste modo um texto em que segue os grandes passos da história de Deus entra(n)do na história do homem e do mundo. Assim, na primeira parte, põe diante do leitor coisas como a cosmogonia bíblica, com relevo para o emergir da luz no caos primordial e do homem como imagem de Deus; a antropogonia e a queda ou o mistério do pecado original; a inexorável maré montante do mal; a sabedoria e o Verbo de Deus; terminando com o sugestivo capítulo «a Sua estrela no

Oriente». Na segunda parte – Iluminação –, coloca-nos diante da nova Luz que se levantou, do combate inaugural do Messias, dos sete dias da Nova Criação e de outros significativos passos da vida e acção de Jesus, com relevo para a Transfiguração e para a morte e descida aos infernos. A terceira parte – O abrasamento – acompanha os factos em torno da Ressurreição, a Ascensão e a Vinda do Espírito Santo, dedicando um capítulo à luz no caminho de Damasco e outro ao Senhor do Apocalipse, terminando com o capítulo «Do tempo à eternidade».

Enfim, um livro extenso, que o autor recomenda seja lido aos bocadinhos, meditativamente, como quem, de adormecido no torpor de um olhar envelhecido, se deixa, fascinado, despertar para um novo olhar sobre si próprio e sobre o mundo.

JORGE COUTINHO

FINO, Catherine, **L'hospitalité, figure sociale de la charité. Deux fondations hospitalières à Québec**, coll. «Théologie à l'Université», Desclée de Brouwer, Paris, 2010, 460 p., ISBN 978-2-220-06235-8.

Num tempo em que, em tantas coisas, se busca acima de tudo a eficácia, Catherine Fino – religiosa salesiana, doutora em medicina e em teologia – põe em relevo, neste livro, a importância da hospitalidade animada pela caridade, uma virtude que, não sendo exclusiva dos cristãos, tem no cristianismo a sua melhor inspiração. E que, como quer que seja, é a única que pode, particularmente, conduzir a superar a moderna desumanização dos hospitais. Concretamente, ela contrapõe uma tese a uma anti-tese, esta representada pelo método proposto por Michel de Foucault,

implicando a extinção da caridade no meio hospitalar e a sua substituição pela medicalização. Para o demonstrar, a autora procedeu a uma paciente investigação historiográfica da prática hospitalar em dois importantes centros do Québec: o Hôtel-Dieu, ao tempo do regime francês (1649-1766) e o asilo psiquiátrico de Beaufort-Québec, na viragem do século XIX para o XX. Os resultados dessa investigação, aqui expostos com o rigor próprio de uma profissional como Catherine Fino, são precedidos, e bem, duma análise crítica do pensamento de Foucault, pondo a nu a sua antropologia estruturalista, que dissolve o sujeito (no caso, o sujeito paciente) transformando-o em (mero) objecto.

Por outro lado, na sua investigação, a um tempo historiográfica e teológica, A autora fez questão de realçar a mais-valia da fé cristã para a prática da caridade nessa sua «figura social» que é a hospitalidade. Contra a ideia de que a prática da caridade deixou de ter lugar no hospital moderno, Catherine Fino mostra e demonstra, na base da sua investigação sobre o modo de actuar nas instituições que estudou – motivações do projecto hospitalar, formação espiritual das religiosas que o põem em prática, suas práticas efectivas e o próprio espaço onde são acolhidos os pacientes –, que a hospitalidade se constitui como verdadeira «figura social da caridade». Com esta categorização, como realça Geneviève Médevielle no Prefácio, entram em jogo uma série de oposições, tais como: individual e colectivo, prática e representação, bem externo e bem interno, tradição e presente, carisma e instituição, virtude colectiva e virtude pessoal, etc. No fundo, ela mostra e demonstra que não é uma qualquer teoria, mas é a prática efectiva, ou os factos indesmentíveis, que desmentem a tese estruturalista de Foucault segundo